

A INTERTEXTUALIDADE NA PROSA MACHADIANA

Celso Garcia PAULA JUNIOR¹

RESUMO: O presente artigo busca analisar representativos fragmentos de uma das obras machadianas mais polêmicas, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a notável capacidade de intertextualidade que Machado de Assis colocava em suas obras. Para tornar o estudo de intertextualidade nessa obra machadiana mais consistente, utilizaremos algumas postulações de importantes teóricos que elucidam um pouco mais esse fenômeno muito utilizado em obras literárias e que vêm adquirindo um gradativo e crescente interesse por parte de muitos estudiosos. Faremos uso de algumas abordagens de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Dominique Maingueneau, dentre outros, que contribuíram significativamente direta ou indiretamente para o crescimento de pesquisas em Análise do Discurso bem como alguns objetos de estudo dessa área da lingüística, como é o caso da intertextualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Intertextualidade. Prosa machadiana

Introdução

Quando falamos em literatura brasileira, um dos primeiros nomes que costumam a vir a nossa mente, é o de Machado de Assis, considerado o maior literato nacional. Várias são as virtudes do texto machadiano, mas uma das mais notórias é a incrível intertextualidade que o escritor possuía e solidificava suas obras. Uma intertextualidade vasta e utilizada com propriedade e que proporcionava as suas obras grande originalidade e dinamicidade, capaz de seduzir aos leitores mais exigentes.

Uma das obras mais polêmicas do escritor, ao lado de *Dom Casmurro*, foi sem dúvida *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, onde o protagonista-narrador, relata sua estória depois de morto, dedicando a obra “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver” (ASSIS, 1994: 511).

Ao estarmos em contato com o texto machadiano e estudos lingüísticos relativos à intertextualidade, poderemos buscar responder ao questionamento: Por que a intertextualidade é tão utilizada em obras literárias?

¹ Acadêmico do curso de Letras Português – Espanhol e graduado em Letras Português – Inglês, pela UNIOESTE – campus Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Contatos: celsogarcia_foz@hotmail.com

A importância da intertextualidade na literatura

Ao termos contato com alguns estudos biográficos acerca de Machado de Assis, nos surpreendemos com o número de escritores renomados e obras conhecidas universalmente que o mesmo tinha o costume de ler com grande frequência. Podemos citar entre outros escritores, Miguel de Cervantes, William Shakespeare, Xavier de Maistre, Dante Alighieri, Sófocles, Arthur Schopenhauer, Charles Dickens e Eugène Pelletan. Além disso, Machado de Assis demonstrou em suas obras um grande conhecimento bíblico.

Com tantas influências, ele pode remeter aos textos de tais escritores com grande correção, elaborando obras que demonstrava a grandeza intelectual de nosso maior escritor.

Dessa maneira podemos analisar algumas intertextualidades na obra machadiana, conforme observamos já no principiar da obra:

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. (ibid.: 1994: 514)

No fragmento citado, Brás Cubas faz referência a uma das tragédias shakesperianas mais conhecidas: *Hamlet*. Ao fazermos uma tentativa de tradução de *undiscovered country*, podemos alcançar o sentido de *país desconhecido* ou *região desconhecida*, observada no monólogo de Hamlet, presente no 3º ato:

Ser ou não ser, eis a questão. Que será mais nobre para o espírito, sofrer pedradas e as flechas da fortuna ingrata, ou tomar armas contra um mar de aborrecimentos e exterminá-lo por oposição? Morrer. Dormir. Não mais. [...] Quem suportaria o fardo, sofrendo, e gemendo sob o peso da vida, se não temesse alguma coisa da morte, **uma região desconhecida** de cujos parâmetros nenhum viajante volta, que dificulta a vontade e nos faz agüentar melhor os males que não conhecemos. (SHAKESPEARE, 1954: 147, grifos meus).

Fica evidente a forma criativa com que Machado de Assis se remete ao texto shakesperiano, havendo uma ligação situacional de melancolia entre ambos os casos.

Mikhail Bakhtin, em sua obra *Estética da Criação Verbal* (1997), nos coloca que: “O autor de uma obra literária (de um romance) cria um produto verbal que é um todo

único (um enunciado). Porém ele a cria com enunciados heterogêneos, com enunciados do outro, a bem dizer.” (BAKHTIN, 1997: 343)

Observamos que essa proximidade de Machado de Assis com as obras do escritor inglês, ocorre graças à virtude do autor brasileiro de captar os sentimentos existentes no texto de Shakespeare, e com essa capacidade, a obra literária machadiana se enriquece. Caso contrário poderíamos nos deparar com um texto literariamente fraco e com pouca intertextualidade:

[...]Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (ibid.:282)

Um outro tipo de texto que Machado de Assis retoma com o narrador - protagonista Brás Cubas, é o discurso bíblico, citado por inúmeras vezes:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para que a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. **Moisés**, que também contou a sua morte, não pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o **Pentateuco**.(ASSIS, 1994: 513, grifos meus)

Para que o leitor tenha uma compreensão do que o narrador expressa, é necessário que haja uma familiaridade entre ele e o texto bíblico, pois apenas dessa forma, a intertextualidade será capaz de cumprir o seu papel de interrelação entre ambos textos, conforme nos deixa interpretar Norman Fairclough:

[...] Sugerir também que os produtores interpelam os sujeitos intérpretes que são ‘capazes’ de desenvolver relevantes suposições e de fazer as conexões que produzem leituras coerentes. Essa visão da coerência e de seu papel na interpretação ideológica pode ser estendida para tomar em consideração a intertextualidade. Os textos postulam sujeitos intérpretes e implicitamente estabelecem posições interpretativas para eles que são ‘capazes’ de usar suposições de sua experiência anterior, para fazer conexões entre os diversos elementos intertextuais de um texto e gerar interpretações coerentes (FAIRCLOUGH, 2001: 171).

Com isso, podemos concordar com muitos críticos literários que afirmam que os leitores de Machado de Assis são leitores que possuem uma grande bagagem intelectual, pois apenas dessa forma eles são capazes de atribuir coerência ao texto de nosso maior literato. Assim como a obra literária, no discurso, é conveniente o contato com diversos discursos anteriores e posteriores a ele. A obra literária pode possuir várias personagens e vários focos narrativos e o mesmo pode ocorrer com o discurso, conforme afirma Izidoro Blikstein:

De início, não é demais lembrar que o discurso, seja qual for, nunca é totalmente autônomo. Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação “filológica-semiótica” [...]. Tal escavação nos revelará como o sentido do discurso nem sempre corresponde (e, em certos contextos, com o político quase nunca!) à significação profunda do intertexto em que se “teceu” esse discurso. Em outros termos, o discurso parece estar tratando do referente X, quando, na verdade, o que está em tela é o referente Y, oculto nas malhas da intertextualidade. (BLIKSTEIN apud BARROS, 1999: 45)

É interessante observar que Machado de Assis consegue expor em suas obras uma atmosfera muitas vezes irônica, e que torna seus escritos ainda mais atraentes para o leitor. Ao mesclar vários textos, ele origina o seu próprio, de maneira a entreter seu interlocutor. Isso é claro quando o escritor retoma mais uma vez o texto bíblico, no momento em que Brás Cubas se interessa por Eugenia, sua “Musa Coxa”:

Ora aconteceu, que, oito dias depois, como eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa, que me sussurrou as palavras da Escritura (At., IX, 7): “Levanta-te, e entra na cidade.” Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa! (ASSIS, 1994: 555).

Com isso, o texto machadiano ganha não apenas dinamicidade, mas também dá margem a uma interpretação irônica e essa ironia só se evidencia graças à intertextualidade analisada entre os dois textos relacionados, pois se Brás Cubas possui uma coragem fugaz para assumir a atração sentida por Eulália e medo permanente de assumi-la, o mesmo não ocorre em relação ao apóstolo Paulo, que abandona sua antiga condição e adota uma maneira de vida completamente diferente da que levava:

Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo por que me persegues?” Saulo disse: “Quem é o senhor?” Respondeu ele: “Eu sou Jesus, a

quem tu persegues. [Duro te é recalcitrar contra o aguilhão.” Então trêmulo e atônito, disse ele: “Senhor que queres que eu faça? Respondeu-lhe o senhor:]“Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer. Os homens que o acompanhavam enchiam-se de espanto, pois ouviram perfeitamente a voz, mas não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão. Abrindo, porém, os olhos, não via nada. Tomaram-no pela mão e o introduziram em Damasco, onde esteve três dias sem ver, sem comer nem beber (BIBLIA SAGRADA, 2002: 1423/1424).

Saulo se converte, adota o nome Paulo e torna-se um dos mais importantes discípulos de Jesus; Brás Cubas beija os lábios virgens de Eulália, a abandona, atravessa uma seqüência de relacionamentos malogrados, morre solteiro, não tem filhos e não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria. (ASSIS, 1994: 639).

É com esse conhecimento dos textos relacionados, que observamos a crítica irônica e velada que Machado de Assis através da narração de Brás Cubas, incide sobre muitos indivíduos que vivem sem o suor de seu próprio rosto, fazendo mais uma correlação com o texto bíblico quando Adão e Eva são expulsos do Paraíso: “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e em pó te hás de tornar” (BIBLIA SAGRADA, 2002: 51).

Bakhtin, discutindo gênero, observa que os textos podem não só recorrer a essas convenções de um modo relativamente direto, mas podem também ‘reacentuá-las’, por exemplo, usando-as ironicamente, reverentemente, parodiando-as, ou podem ‘mesclá-las’ de vários modos (FAIRCLOUGH, 2001: 136)

Através dessa mescla de diversas obras, Machado consegue fazer com que seu leitor seja induzido a buscar outros referentes em textos diversos, aumentando a capacidade de entendimento da intertextualidade produzida pelo autor. Para ler-se Machado e compreender sua sutileza irônica, é necessário a curiosidade da pesquisa, algo que diretamente contribui para o aumento da criticidade de seus interlocutores.

Alguns enfoques acerca de intertextualidade: Bakhtin, Kristeva, Maingueneau

Embora não sejam ainda diversos, os estudos acerca da intertextualidade vem sendo postos em discussão ao verificarmos o quanto esse procedimento é utilizado não apenas nos textos literários, mas também em análise do discurso.

Por exemplo, Dominique Maingueneau estabelece uma diferença entre intertextualidade e intertexto, que pode parecer para muitos leigos da lingüística, o mesmo fenômeno, mas que possui diferenças:

Maingueneau faz uma distinção entre intertextualidade e intertexto: o intertexto é o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase...) em um corpus dado, enquanto intertextualidade é o sistema de regras implícitas que subjaz a esse intertexto, o modo de citação que julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou o gênero de discurso do qual esse corpus provêm. Assim, a intertextualidade do discurso científico não é a mesma que a do discurso teológico; além disso, elas variam de uma época a outra. Pode-se distinguir uma **intertextualidade interna** (entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo) e uma **intertextualidade externa** (com os discursos de campos discursivos distintos, por exemplo, entre um discurso teológico e um discurso científico). (CHARAUDEAU, 2004: 289)

É interessante atentarmos que Dominique Maingueneau, em *Pragmática para o Discurso Literário* (1996), nos esclarece acerca do conceito de transtextualidade, um termo utilizado por G. Genette:

Muitos textos aparecem desse modo como uma verdadeira encruzilhada intertextual em que a palavra do enunciador é constantemente habitada por outras, tecida de seu eco. Durante séculos, a maior parte da literatura francesa constituiu uma espécie de palimpsesto: só era acessível a leitores familiarizados com a cultura greco-latina. Existia um vasto espaço de “humanidades”, duas vezes milenar, dentro do qual circulavam os textos. Essa intertextualidade, porém, não passa de um aspecto particularmente vistoso de um fenômeno que se refere ao conjunto das obras literárias, o da **transtextualidade**, para repetir um termo de G. Genette. (MAINGUENEAU, 1996: 26)

Bakhtin defendia a idéia de que apenas o Adão mítico, abordando com o primeiro discurso um mundo virgem e ainda não dito, podia evitar essa reorientação mútua relacionada ao discurso de outrem. (MAINGUENEAU, 1996: 27).

G. Genette distingue vários tipos de transtextualidade: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade, sendo fundamental para o nosso estudo, o seu conceito de intertextualidade: “[...] supõe a co-presença de pelo menos dois textos (alusões, citações, plágio...), é a relação mais visível”. (ibid.: 27).

Uma das grandes estudiosas acerca da intertextualidade, introdutora de tal conceito na década de 1960 e que também bebeu da fonte bakhtiana, foi Julia Kristeva, elaboradora de fecundos estudos lingüísticos e notadamente na área da Análise do Discurso:

Bakhtin é um dos primeiros a substituir o recorte estático dos textos por um modelo onde a estrutura literária não é/não está mas se elabora em relação a uma outra estrutura [...] Cruzamento de superfícies textuais, diálogos de várias escrituras [...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a noção de intertextualidade (KRISTEVA, 1970 apud BARROS, 1999: 71).

Kristeva nos mostra que a intertextualidade possui uma amplitude de alcance muito maior do que o simples reaproveitamento de textos ou obras já escritas:

[...] ela considera cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos. Uma versão dessa idéia começou recentemente a ser incorporada na análise lingüística dos textos. A idéia geral é que um texto não existe nem pode ser avaliado de maneira adequada isoladamente; ao contrário, o pleno conhecimento de suas origens, de seus objetivos e de sua forma pode depender de maneiras importantes do conhecimento de outros textos [...] (TRASK, 2008: 147).

Os estudos acerca da intertextualidade são recentes, mas muito se deve a pesquisa de tal teórica, que além de focar tal temática, também avançou com o seu conceito de interdiscursividade:

A intertextualidade manifesta é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto, enquanto interdiscursividade é uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 2008: 152).

Fairclough, embasado nos estudos de Kristeva, nos coloca algumas distinções tipológicas entre diferentes relações intertextuais que podem existir em um texto:

intertextualidade ‘sequencial’, em que diferentes textos ou tipos de discurso se alternam em um texto [...]
‘intertextualidade encaixada’ em que um texto ou tipo de discurso está claramente contido dentro da matriz de um outro [...]
‘intertextualidade mista’, em que textos ou tipos de discurso estão fundidos de forma mais complexa e menos facilmente separável (FAIRCLOUGH, 2001: 152).

Observamos no texto machadiano, vários tipos de intertextualidade que exemplificam os conceitos observados, mas o que chama a atenção é o fato dele remeter através do discurso de seu narrador protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, algumas intertextualidades encaixadas, utilizando fragmentos de obras em idioma estrangeiro, como ocorre em relação a uma peça do francês Molière: “ La maison est à moi,

c'est à vous d'en sortir" (ASSIS, 1994: 524); e também ao clássico universal *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri: "Di pari, come buoi, che vanna a giogo" (ibid.: 579).

Algo parecido ocorre no seguinte fragmento, quando Quincas Borba (o filósofo do humanitismo) envia uma carta com um presente para o seu colega de longa data:

Há tempos, no Passeio Público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lho com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro. Que voulez-vous monseigneur? – Como dizia Fígaro, - c'est la misère (ibid.: 599).

Dessa maneira, Machado de Assis não apenas pode demonstrar sua compreensão em relação à língua estrangeira (foi tradutor de várias obras, notadamente do gênero poético), mas também incita seu leitor a buscar tais textos em seu idioma de origem.

Algo que muito nos chama a atenção, é que o autor, conseguiu manter brilhantemente a intertextualidade não apenas com outros textos de escritores renomados, mas também em relação a sua própria obra, como ocorre com a personagem Quincas Borba, que aparece dez anos após no romance *Quincas Borba*, publicado em 1891.

Machado de Assis cita ao longo do romance analisado, uma série de obras que são consideradas clássicos da literatura universal, como *Lusíadas* de Camões (ibid.: 606) e *Elogio da Sandice* de Erasmo (ibid.: 634) apenas para citarmos algumas, onde o leitor que teve contato com tais obras, é capaz de compreender melhor as virtudes do texto machadiano.

Podemos considerar que o grande amor de Brás Cubas, foi Virgília, mulher de muitos atributos, mas que se casa com Lobo Neves no momento em que ele tenta seduzir definitivamente a dama, casar-se com ela, e entrar para a vida política; ações que seu amigo-rival conseguiu oficial e definitivamente, e ele não. Ocorre uma grande coincidência entre os nomes de Virgília, e de um dos maiores poetas latinos, Virgílio; fato que foi enaltecido pelo pai de Brás Cubas, quando este tentava convencer seu filho a se casar e a entrar para a vida política.

Meu pai, um pouco despeitado com aquela indiferença, ergueu-se, veio a mim, lançou os olhos ao papel...
— Virgílio! Exclamou. És tu, meu rapaz; a tua noiva chama-se justamente Virgília. (ibid.: 549).

Cabe dizer que já sem o viço da juventude, Virgília foi uma das poucas pessoas que estiveram presentes no derradeiro momento do narrador.

Mas o escritor brasileiro, profundo conhecedor da literatura clássica e ocidental, evidenciado na grande intertextualidade que fazia com diversos textos, não se limitou a literatura ocidental, explorando também em sua obra o grande clássico da literatura árabe, *As Mil e Uma Noites*:

— Minha boa Virgília!

— Meu amor!

— Tu és minha não?

— Tua, tua...

E assim reatamos o fio da aventura, como a sultana Schererazade o dos seus contos. Esse foi, cuido eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales de leste e de oeste, e por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, descer... (ibid.: 594).

O leitor que não souber que Schererazade foi uma das grandes personagens de *As Mil e Uma Noites*, e que através de sua beleza e habilidade em contar estórias evitou a morte de muitas contemporâneas suas ao manter o sultão fascinado por suas narrações, e que ao ser traído assassinou sua própria esposa prometendo a morte ao nascer do dia para aquelas que dormira com ele; possivelmente terá captado apenas parcialmente o sentido do trecho machadiano.

Um dos fragmentos mais importantes da obra, encontra-se já em seu princípio, na dedicatória do “defunto-autor”: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (ibid.: 511).

Com isso, o narrador se desvencilha de qualquer tipo de pressão social que poderia sofrer por seus argumentos e opiniões, podendo externalizar suas reflexões com maior liberdade:

[...] Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote e adeus.(ibid.: 513)

Dessa maneira, observamos que o narrador, Brás Cubas, coloca-se em uma posição privilegiada pois o seu discurso torna-se mais fácil de ser manipulado porque ele está em

uma situação fora da realidade que relata. Com isso, remetemos a alguns estudos de Maingueneau, que trata do metadiscorso:

O metadiscorso é uma forma peculiar de intertextualidade manifesta em que o(a) produtor(a) do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio texto e distancia a si próprio(a) de alguns níveis do texto, tratando o nível distanciado como se fosse um outro texto, externo (MAINGUENEAU, 1987 apud FAIRCLOUGH, 2001: 157)

Considerações finais

Observamos no presente estudo, que Machado de Assis possuía uma imensa capacidade de interrelacionar suas obras com escritos renomados do qual ele tinha afinidade.

A riqueza vocabular e sua correção podem ser frutos também desse abundante manuseio com diversas obras. Muitas personagens machadianas, como Virgília, retomam a nomes já conceituados na literatura universal. Tão brilhante são suas obras que Machado de Assis consegue por intermédio da intertextualidade, colocar o leitor em uma situação de entretenimento inclusive abordando escritos considerados respeitados, como é o caso da Bíblia Sagrada.

A intertextualidade vem sendo estudada pela lingüística por ser muito evidente no dia-a-dia, através dos discursos e também em muitos escritos importantes, onde encontramos também as obras literárias. Com isso observamos que a literatura se vale da intertextualidade para solidificar e aumentar sua potencialidade expressiva, e os estudos relativos à intertextualidade podem buscar na literatura, um objeto fecundo para suas abordagens.

THE INTERTEXTUALITY IN MACHADO'S PROSE

ABSTRACT: This paper analyzes fragments representative of one of the most controversial works machadianos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and remarkable ability of intertextuality that Machado de Assis put in their works. To make the study of intertextuality in this work machadiano more consistent, we'll use some of important theoretical postulations to clarify this phenomenon a little more widely used in literary works and which are acquiring a gradual and growing interest by many scholars. We'll use some approaches of Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva and Dominique Maingueneau, among others, that directly or indirectly contributed significantly to the growth of research in

Analysis of Discourse and some objects of study of this area of linguistics, such as intertextuality .

KEYWORDS: Literature. Intertextuality. Machado's prose.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *Obra completa* (organização: Afrânio Coutinho) v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana L. P. de. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SHAKESPEARE, William. *Tragédias*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1954.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Editora Ave Maria: 2002.